

## HIP HOP NA ESCOLA

*Jacqueline Cristina Jesus Martins  
EMEF Tte. Alípio Andrada Serpa*

O trabalho com o Hip-Hop foi realizado em 2009 na EMEF Tte. Alípio Andrada Serpa com as 4ª séries. O objetivo foi ampliar a leitura dessa manifestação corporal, tentando superar estereótipos e preconceitos que acompanham essas práticas.

A manifestação corporal foi escolhida a partir das discussões do Projeto Pedagógico da escola, que focou uma concepção de aluno como leitor e escritor do mundo e do desdobramento do Projeto Especial de Ação (PEA) que tinha como objetivo a aproximação entre a escola e a comunidade.

Após essas decisões e tomando como base as observações realizadas no ano anterior, onde percebi que alunos e a comunidade tinham as danças como um momento de lazer e diversão, escolhi as danças como manifestação corporal a ser estudada.

Logo no início dos estudos, vimos os diferentes ritmos, o entendimento do que era dançar, para que dançar e onde dançar. Mas com o decorrer do trabalho percebi que deveríamos focar os estudos em um ritmo específico, e a escolha foi pelo ritmo inicialmente chamado pelos alunos de black ou de Hip – Hop.

O trabalho tomou esse rumo, pois percebi que para que os alunos entendessem mais sobre as danças e para que pudessem fazer leituras do mundo, como o proposto no nosso projeto pedagógico era necessário ampliar e aprofundar mais os conhecimentos de determinadas práticas corporais, para tanto, as observações e anotações que fiz no início do trabalho me mostraram que o ritmo que mais dialogava com o grupo de alunos e com as propostas da escola era o Break, até então chamado de black ou hip – hop.

Para iniciar essa discussão apresentei um texto que explicava o que era a black music e o que era o movimento hip-hop. Ficou entendido que o hip-hop não era apenas a dança, mas um movimento cultural que englobava outras formas de manifestações artísticas, como o grafite, o RAP, o MC, o DJ, o Streetball além do próprio Break. Decidimos que estudaríamos o movimento Hip – Hop, e não apenas o Break.

Para alcançar os objetivos propostos organizei as atividades didáticas sempre pensando em ampliar o olhar dos alunos sobre aquelas práticas. Para isso, além das vivências, assistimos a alguns vídeos sobre as práticas, realizamos leituras de textos, analisamos letras de músicas, comparamos as nossas práticas com outras possibilidades de realização daquelas manifestações.

Essas ações foram propostas a partir de questões que emergiam durante as nossas vivências e nos ajudaram entender e superar visões preconceituosas das práticas relacionadas ao movimento hip-hop. Por exemplo, os alunos diziam que o break é uma prática masculina, e após assistirmos vídeos com o break praticado por mulheres e lermos um texto sobre as b-girls (dançarinas do break), as meninas encorajaram-se e construíram suas próprias formas de dançar o break, superando o preconceito do break como uma prática masculina.

Nas construções das danças pelos alunos, observamos momentos de resignificação, isto é, eles passaram a construir as suas próprias práticas através das interpretações que fizeram sobre a leitura do movimento hip-hop. Inicialmente eles perceberam que nos desafios era preciso “provocar” o outro, mostrar que você consegue

fazer alguns movimentos que o outro não consegue. Para isso, os alunos começaram a usar movimentos e gestos de outras práticas corporais como o espacate da ginástica artística, o aú quebrado da capoeira, mímicas, passos de outras danças, entre outros gestos. Essa nova forma de desafios, continuou sendo o break, mas a partir do olhar daquele grupo.

Para um melhor entendimento do movimento hip-hop, não ficamos apenas no estudo do break, estudamos, também, os outros elementos do hip-hop: o MC, o DJ, o Grafite, o RAP e o Streetball. Dessa forma, proporcionamos um espaço de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos em torno do hip-hop. Sobre todos os elementos, fizemos diferentes práticas de leituras e de interpretações sobre as manifestações corporais, entendendo-as como formas de expressão. A partir dessas atividades, construímos as nossas formas de realizar esses elementos dentro do espaço escolar.

Percebi que as atividades realizadas contribuíram para a mudança de discursos de alunos, professores e gestores que circulavam na escola. Esses discursos apontavam o break como práticas exclusivamente masculinas, o RAP como a música de “maloqueiros” e o grafite não era reconhecido como uma arte. Notei que esses discursos foram desestabilizados, abrindo espaços para que essas práticas entrassem na escola e fossem apreciadas inclusive por aqueles que a rejeitavam.